

Valdeck Almeida de Jesus

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus - 2008

Segunda Edição

São Paulo-SP
2012



Pré/facies

Certa vez recebi pela Internet, a pergunta de uma escritora: “Por que publicar em antologias?” Não sei se era uma indagação capciosa, exatamente qual a intenção. Talvez uma crítica implícita a mim, que participo de um bom número... Quando eu era juvenzinha, antologias seriam apenas para as textos em prosa ou versos de renomados autores.

Coletâneas seriam feixes de escritos de pessoas comuns. No entanto, com o advento da Internet, esse conceito mudou.

Pois se o poeta - o autor focal desta antologia - antes escrevia para si, ou submetia a jornais seus versos, e eram poucos os que se viam publicados, hodiernamente, há um boom a explodir belezas poéticas, dos lugares comuns dos apaixonados às singularidades de expressão... Se antes muitos morriam e somente então seus versos cometidos eram encontrados, hoje, poeta, famoso ou não, jamais morrerá, não enquanto lerem, declamarem, repassarem seus versos – o que é muito comum, por e-mails. Os velhos caderninhos são agora, arquivos, pastas. As pessoas postam web designs que ilustram seus escritos. Não raro, quem apenas ilustra, ou faz PPS, acaba tornando-se Poeta. Faz livros virtuais, participa de concursos, enfim, as portas e janelas abriram-se para a livre expansão da alma.

O egocentrismo, cedeu à cordifraternidade: troca-se regulamentos, há sites, home pages e blogs especializados nessa divulgação. Outros não o são, mas mandam em PVT, ou incluem em seus espaços, hospedam.

O motivo é claro: além de um autor ter de enviar algo próprio, escrito corretamente, em geral inédito (ou não, conforme as

normas vigentes), de preferência original, singular, o texto esbarrará em um júri, em alguém que terá sua visão e preferências pessoais, com a tarefa de fazer a seleção, ser neutra, imparcial, despreconceituosa. Alguns lograrão classificar-se, outros apenas serão convidados a participar. Mas o prazer de folhear um livro e encontrar-se em companhia tão diversificada, mas todos pertencentes a essa “casta” a dos poetas, é imenso.

Também já me perguntaram por que “ainda” concorro. Sempre respondo que é pelo “frisson” da expectativa. E porque no Brasil edições individuais são acima das possibilidades do autor, muitas vezes, de gastar: cônjuges reclamam, “usou parte do dinheiro das férias e publicou um livro”; “fiz um empréstimo, mas não foi para consertar o telhado e sim para editar”, “fiz o livro e depois da noite de autógrafos, não vendeu, agora distribuí”... Quando há família em jogo, as acusações ou queixas são ainda mais veementes. O autor às vezes, tem de amargar uma culpa... Conheci alguém que fez uma dívida, e depois tentou suicídio porque não conseguia pagá-la, a sala cheia de pacotes de seu livro maravilhoso... Quando eu era adolescente, li “O Feijão e O Sonho”, de Orígenes Lessa e fiquei impressionada. É o protótipo das situações que relato.

Em todas as épocas, o “ser Poeta” teve de conviver com outras profissões. Alguns puderam sobrepor-se ao comum dos mortais, com sua poesia - Neruda, Vinicius... Mas, através da Internet, nesse novo Milênio em especial, as pessoas se organizam, fazem saraus, encontram-se em todo tipo de lugar, desde o barzinho, antes reduto único de uma classe considerada boêmia, aos palcos, escolas, praças... Poemas são colocados em ônibus e metrô, vitrinas e varaus. Esse encontro tem um efeito dominó positivo. E abrem-se as neo-antologias, que significam reunião de autores, de tocas as

idades, classes, formação, países, e profissões paralelas. Ou Poetas e pronto.

Nesta, do Valdeck, desde adolescentes a septuagenários, eu li, fascinada, os que comentaram sobre o que “também” fazem. Além dos educadores e as pessoas graduadas em Letras esperadas pela própria formação, há matemáticos e engenheiros - dos civis aos químicos. Há físicos, advogados, artistas, livreiros, economistas, pesquisadores, artistas plásticos, atrizes e atores, estudantes de vários graus, delegado de polícia, técnico de metrologia, analista de sistema, arrecadador de pedágio (e fiquei a imaginar se ele teria algum micro-tempo entre um veículo e outro, para anotar versos ou rimas), um instrutor de kickboxing – que escreveu Poesia depois de perder a liberdade - e há quem o faça por estar livre... Analista legislativo, mestres, doutores e pós doutores, figurinista, diretor de empresa, socióloga, oficial de justiça, militares, jornalista, documentarista, roteirista, desenhista de moldes, cordelista, poliglota - professor de Línguas, pesquisador...

Brasileiros de todos os cantos, portugueses, uma angolana. A Lusofonia canta agradecida! A latinidade também. Há argentinos.

Encontro menções de outras antologias onde também me encontro, dou de cara com minha amiga Ângela Togeiro, que mora como eu em Belo Horizonte, também Embaixadora da Paz e membro do inBrasCi, de várias Academias, uma pessoa premiadíssima nacional e internacionalmente. Leio que Uma autora ocupa a Cadeira 11, de Lindolf Bell, da Catequese Poética, que se estivesse vivo, adoraria andar pelas novas antologias brasileiras. Ele é meu patrono na AVBL - uma academia virtual. E fiz um recital em 2008, no qual o

homenageei. Já estão vindo para que serve uma antologia - o que a senhora fingia não saber.

Gosto da palavra cordifraterno. É o que somos quando estamos num mesmo livro/espaco: unidos pelo cordis, “monsieur le coeur”, o coração, que bate ao compasso da comunhão, e em uníssonos, e nos torna todos iguais, sem divisões de classe, raça, cor, opção sexual, grau de escolaridade, poder aquisitivo...

Quando concluí a leitura dos poemas e li avidamente as notas sobre os autores, fui reler a entrevista (*) que fiz com essa pessoa guerreira, resiliente, que é o Valdeck Almeida e adorei quando reli, essa resposta dele:

Pretende organizar outras antologias?

“Sempre tenho vários planos, mas por enquanto este projeto me toma o ano quase todo. Somente com a ajuda de uma equipe grande eu poderia me atrever a realizar mais coisas do que já realizo no cotidiano e na minha vida profissional. Eu trabalho de segunda a sexta-feira, estudo à noite fazendo jornalismo e ainda tenho que cuidar da casa, cuidar de mim, de um filho que mora em Jequié/BA. Eu moro em Salvador e vivo viajando sempre ao interior para rever meus amigos e familiares. Tudo isso toma tempo. Dizem que o tempo na Bahia não corre, que caminha a passos de tartaruga, mas tudo isso é folclore. O tempo aqui urge, as coisas por fazer roubam-nos o tempo...”

Quando recebi o convite para escrever - o que chamo de pré-facias, porque não citarei versos dos poemas, mas falei de seus autores, com a brevidade da cigarra que anuncia a chuva fértil que terão pela frente - senti-me lisonjeada e presenteada - apenas de haver divulgado o concurso, repassado para

mailings, postando, acabei perdendo o prazo e não entrando. Foi uma forma de estar com os autores e com o poeta organizador, que para participar de sua primeira, teve de vender um fogão. Tenho-lhe muita admiração, aplaudo seus esforços e almejo-lhe uma bela carreira editorial, paralela à sua de fazedor de versos, bardo, vate, poeta. E concluo com esse poemeto escrito na adolescência:

O impossível

É imprevisível

Só até acontecer...

Clevane Pessoa de Araújo Lopes, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Psicóloga, Poeta Honoris Causa para oito países lusófonos, pelo CBLP; Embaixadora Universal da Paz, pelo Cercle de les Ambassadeurs Univ. de La Paix Genebra, Suíça; Diretora Regional do InBrasCi em BH/MG; Representante do Movimento Cultural aBrace (Brasil /Uruguai), Membro da ONE, Acadêmica da AFEMIL (Cadeira Cecília Meireles)

peessoaclevane@gmail.com

(*) <http://clevanepessoaentrevistas.blogspot.com>

Dez primeiros colocados

Fernando Paganatto - Retrato urbano

Edson Augusto Alves – Deslembração

André Sesti Diefenbach - Dois = Um

Emerson Antonio Miguel - Homem na Caixa

Heric Steinle – Porta

Luís Fernando Amâncio Santos – Pontuação

Tatiana Alves – Antiépico

Vanessa Ratton - Esquina

José Maciel Neto - Soneto para um velho do mar

Robson Gomes de Brito - Cortesã homossexual

Gigante

(Adalberto Caldas Marques)

Uma única molécula
Dentre milhares de um corpo,
Eu... ali parado olhando,
Estranho...
Caminhos, vontades diferentes
Como não se desintegra
Tal corpo desconjuntado...
Uns batem no couro
Outros batem na pele,
Mas em todos
Bate mais forte o peito...
E o coração explode
Do gigante que desperta
Com uma simples bola na rede.

Adalberto Caldas Marques nasceu em 07 de março de 1979, filho de uma família humilde do subúrbio do Rio de Janeiro, descobriu o gosto por escrever ainda no início da juventude, porém, por necessidade acabou fazendo faculdade de Contabilidade e se afastando um pouco da literatura. Hoje tenta recuperar o convívio com o mundo lírico e criou uma página na internet com alguns de seus escritos.

Um cobertor

(Adenir B. G. L. de Souza)

Quando excluída, pensativa
e a solidão se faz presente
me ponho a argumentar e crer
que só se ausentam aqueles
que não percebem o querer.

Reflico os que vêm ao meu encontro
não são os que borrasca espalham
mas aqueles que a saudade
ocupa o coração
e a ternura estabelece
o simples elo
do oi, olá ou tudo bem.

E a agonia que antes assustava
agora registra que amigo
não é quem o diz
é aquele que assimila
a necessidade do outro
transmitindo no seu acalanto
o aconchego de um cobertor.

Adenir B. G. L. de Souza tem curso de engenharia química não concluído e atua na área de educação. Tem poemas publicados pela Litteris e na antologia do Centro de Literatura do Forte de Copacabana.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

